

Não podemos tirar proveito da celebração da morte de Jesus, passar uma semana de folia, descanso e diversão.



Semana Santa sem procissões

Uma Semana Santa, apenas com o Evangelho

Estamos em vésperas da Semana Santa mais vazia de toda a minha vida. Uma Semana Santa sem santos, sem irmandades, sem procissões, sem ofícios e cerimónias nas igrejas, sem viagens ou férias, sem turistas ou carros, sem liberdade para sair à rua, sem saúde, e cheinhos de medo, sob a ameaça de uma economia vacilante. E tudo isto sem sabermos se os políticos nos podem livrar desta situação dolorosa que nos ameaça.

O que nos resta pois, para além destes medos e perigos que nos ameaçam? As vítimas do coronavírus e as suas famílias saem desta situação o mais rapidamente possível. Para muitas outras pessoas, trata-se de passar estes dias da melhor maneira que podem. E para os que têm crenças religiosas, o que mais resta, para além do que fica dito? Nós, os crentes, e todas as pessoas de boa vontade, **temos o Evangelho.** Eis o que explica a razão de ser e o essencial da Páscoa. Porque, afirmo com insistência e firmeza, uma Páscoa, que não tenha em conta o Evangelho da paixão de Jesus, é como um banquete apresentado em pratos elegantes, garçons de etiqueta e música de sonho, mas em que nem sequer um grão de bico cru é dado aos convidados. Ou o que é pior ainda: **aproveitar a celebração da morte de Jesus, para passar uma semana de folia, descanso e diversão.**

Há algo de positivo no coronavírus: forçamos a pensar, séria e completamente, nas coisas mais negativas e sombrias da vida: a

traição de Judas, a covardia de Pedro, que condenou à pior das mortes aquele que foi executado, por ter passado a vida a fazer o bem, a ambição dos sumos sacerdotes, que transformaram a casa de oração numa "caverna de bandidos", a agonia de Jesus, que tinha medo da morte e do fracasso, como acontece com todos os mortais, a presença daquelas boas mulheres que se mantiveram junto à cruz até ao enterro de Jesus ... E tantas outras coisas, naqueles em que nem sequer pensamos, por precisarmos de alguns dias de descanso e diversão.

Há muitas coisas em que podemos pensar nesta estranha Páscoa. Atrevo-me a sugerir, antes de mais nada, que **pensemos que "Jesus aceitou a função mais**

baixa que uma sociedade pode atribuir a alguém: a de um criminoso executado" (G. Theissen). O que nos mostra que há uma solução para este mundo, não por sermos capazes de triunfar sobre os fracos e nos impormos a eles, mas por termos vontade e resistência, apesar de falharmos muitas vezes.



Páscoa, dias de reflexão

E é assim que se torna realidade, neste mundo em que nos parece que Deus está ausente, o que Dietrich Bonhoeffer deixou escrito, pouco antes de ser morto, no final da Segunda Guerra Mundial,: **"Quando alguém quer falar sobre Deus não religiosamente, deve fazê-lo de modo que a falta de Deus no mundo**

não fique oculta; pelo contrário, devemos tornar esse facto bem manifesto, como se uma luz surpreendente caísse sobre o mundo. O mundo adulto está mais ausente de Deus, e talvez seja por isso que está mais próximo dele do que o mundo menor de idade"

[Carta escrita a um amigo, em 14 de julho de 1944, na prisão de Tegel (Alemanha)].

José María Castillo

Teología sin censura
(29.03.2020)



Não temos de pedir milagres a um Deus que respeita a criação e a nossa liberdade.

Por que razão permite Deus esta desgraça e se mantém silencioso? Será um castigo? Teremos de lhe pedir um milagre?

Víctor Codina sj



afinal, onde está Deus?

Felizmente que, ao lado dos terríficos e quase doentios noticiários televisivos sobre a pandemia, nos surgem outras vozes alternativas, positivas e carregadas de esperança.

Há quem recorra à história, para nos recordar que a humanidade já sofreu e ultrapassou com

sucesso outros momentos de pestes e pandemias, como as da Idade Média e a de 1918, a seguir à primeira Guerra Mundial. Outros há que se espantam da postura unitária dos

Europeus face ao vírus, quando, até há pouco, divergiam sobre as alterações climáticas, os imigrantes e a corrida ao armamento, com certeza porque esta pandemia atravessa fronteiras e afeta o interesse dos poderosos. É, agora, a vez dos europeus sofrerem na pele algo do que padecem os refugiados e imigrantes proibidos de atravessar fronteiras. Há humanistas a afirmar que esta crise é uma espécie de “quaresma secular”, que nos impele a concentrarmo-nos nos valores essenciais, como a vida, o amor, a solidariedade, e nos obriga a relativizar muitas coisas que até agora julgávamos indispensáveis e intocáveis. De repente, diminui a contaminação atmosférica e o frenético ritmo de vida consumista que, até agora, não queríamos alterar. O nosso orgulho ocidental de nos julgarmos os onnipotentes protagonistas do mundo moderno, senhores da ciência e do progresso, caiu por terra. Em plena quarentena doméstica e sem podermos sair à rua, começamos a dar valor à realidade da vida familiar. Sentimo-nos mais interdependentes uns dos outros, todos dependemos de todos, todos somos vulneráveis, necessitamos uns dos outros, estamos interligados globalmente, para o bem e para o mal.

Surgem, também, reflexões sobre o problema do mal, o sentido da vida e a realidade da morte, um tema tabu hoje em dia. O romance *A Peste*, de Albert Camus, 1947, converteu-se num *best seller*. Para além de ser uma crónica da peste de Orão, é, também, uma parábola do sofrimento humano, do mal físico e moral do mundo, da necessidade de ternura e solidariedade.

Nós, os crentes de tradição judaico cristã, interrogamo-nos face ao silêncio de Deus perante esta epidemia. Por que razão permite Deus esta desgraça e se mantém silencioso?

Será um castigo?
Teremos de lhe pedir um milagre, como faz o P. Penéloux em *A Peste*?
Teremos de devolver a Deus o bilhete da vida, como faz Iván Karamazov nos *Irmãos Karamazov*, ao ver o sofrimento dos inocentes? Afinal, onde está Deus?

Não estamos perante um enigma, mas antes, face a um mistério, um mistério de fé que nos faz crer e confiar em Deus Pai/Mãe criador, que não castiga, que é bom e misericordioso, que está sempre conosco, que é o Emanuel; cremos e confiamos em Jesus de Nazaré que nos veio - e continua a vir - dar a vida em abundância e se compadece dos que sofrem; cremos e confiamos no Espírito vivificante, Senhor e dador de vida. E esta fé não é uma conquista, mas um dom do Espírito do Senhor que nos chega através da Palavra na comunidade eclesial.

Tudo isto não impede que, como Job, nos queixemos e regateemos com Deus, perante tanto sofrimento, nem impede que, como o Qohelet ou Eclesiastes, constatemos a brevidade, a leveza e a vaidade da vida. Não temos de pedir milagres a um Deus que respeita a criação e a nossa liberdade, que quer que colaboremos na realização deste mundo limitado e finito. Jesus não nos resolve teoricamente o problema do mal e do sofrimento, mas antes, através das suas chagas de crucificado/ressuscitado, nos abre o novo horizonte da sua paixão e ressurreição; Jesus, com a sua identificação com os pobres e os que sofrem, ilumina a nossa vida; e com o dom do Espírito nos dá força e consolo nos nossos momentos mais difíceis de sofrimento e paixão.



Afinal, onde está Deus? Está nas vítimas desta epidemia, está nos médicos e restante pessoal de saúde que delas cuidam, está nos cientistas que lutam pela descoberta de uma vacina antivírus, está em todos os que, nestes dias, colaboram e ajudam na solução do problema, está nos que rezam pelos outros, nos que semeiam a esperança.

Terminemos com um salmo de confiança que a Igreja nos propõe, aos domingos, à hora litúrgica das Completas, para antes de

adormecer:

Tu que vives sob o amparo do Altíssimo e passas a noite à sombra do Omnipotente, diz ao Senhor: ó meu apoio e meu refúgio, meu Deus em quem confio.

Ele te livrará da rede do caçador, da peste funesta: com suas penas te protegerá, sob as suas asas encontrarás refúgio: a sua fidelidade te cercará com um escudo.

Não temerás o terror da noite, nem a flecha que voa de dia, nem a peste que avança nas trevas, nem o demónio do meio-dia.

(Salmo 90, 2-7)

Talvez a nossa pandemia nos ajude a encontrar Deus, onde não esperávamos encontrá-Lo.

Víctor Codina

<https://blog.cristianismejusticia.net/2020/03/20/donde-esta-dios>

memória

1796 – Primeira vacina conhecida



A palavra vacina vem do latim **vaccina**, feminino do adjetivo **vaccinu**, relativo a **vacca** (vaca) e entrou definitivamente na história da humanidade graças ao médico inglês **EDWARD JENNER**, que dedicou cerca de 20 anos de sua vida aos estudos sobre a varíola e estabeleceu as primeiras bases científicas da prevenção da doença. Jenner percebeu que as pessoas que se contaminavam com varíola bovina, ao ordenhar vacas, tornavam-se imunes à varíola humana, muito mais violenta. A doença, chamada de «cowpox», assemelhava-se à varíola humana pela formação de pústulas. Em 1796 o médico inoculou um rapaz com o pus extraído de feridas de

vacas contaminadas; passadas seis semanas, inoculou-o com a varíola e verificou não haver qualquer reação da doença. Estava descoberta a propriedade de imunização. Após várias experiências, Jenner divulgou o seu trabalho «Um Inquérito sobre as Causas e os Efeitos da Vacina da Varíola», dando início a uma nova era da medicina. Em 1885, Pasteur usa o mesmo método para criar a vacina contra a raiva; em 1960, Albert Sabin cria a vacina contra a paralisia infantil. Portugal acompanha a história da vacinação: em 1812 é recomendada a vacinação universal gratuita contra a varíola; em 1965 arranca o Programa Nacional de Vacinação.

[Quando vier a Primavera,]

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

(Alberto Caeiro / Fernando Pessoa)

UM AVISO SÁBIO

**UMA IDEIA A TER
PRESENTE NOS
PRÓXIMOS MESES**

**“As pessoas às vezes esquecem-se
que a pobreza mata, não são só
as bactérias e os vírus”**

-CONSTANTINO SAKELLARIDES,
EM ENTREVISTA AO «I»